

“O SENTIMENTO DE PERDIÇÃO NO ROSTO DE UMA MOÇA NORDESTINA”: UMA LEITURA DOS ESTIGMAS DE MACABÉA SEGUNDO ERVING GOFFMAN

Jorge Leberg Pereira de Carvalho¹

Josias Vicente de Paula Junior²

RESUMO

O presente artigo tem a finalidade de elencar os estigmas aos quais a personagem literária Macabéa, de *A Hora da Estrela*, último livro de Clarice Lispector publicado em vida da autora, é associada. Buscou-se, através de pesquisa bibliográfica, discorrer a respeito da noção de estigma segundo Erving Goffman e sua relação com a identidade social; relacionar tal noção com um apanhado básico da literatura brasileira, ressaltando os estigmas raciais, de pobreza e lugar de origem presentes nesta; e, por último, falar acerca de *A Hora da Estrela* e dos estigmas carregados pela personagem Macabéa de acordo com a visão de Goffman, sendo estes o de aparência física, pobreza, semianalfabetismo e lugar de origem.

Palavras-chave: Clarice Lispector, Erving Goffman, estigma, sociologia, literatura

¹ Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

² Orientador, Prof. Dr. do DECISO da UFRPE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

C331s Carvalho, Jorge Leberg Pereira de.
“ O sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina” :
uma leitura dos estigmas de Macabéa segundo Erving Goffman
/ Jorge Leberg Pereira de Carvalho. - Recife, 2025.
19 f. ; il.

Orientador(a): Josias Vicente de Paula Júnior.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências
Sociais) – Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Departamento de Ciências Sociais, Recife, BR-PE, 2025.
Inclui referências.

1. Lispector, Clarice, 1920-1977. 2. Goffman, Erving, 1922-1982.
3. Estigma (Psicologia social). 4. Sociologia. 5. Literatura
I. Paula Júnior, Josias Vicente de, orient. II. Título

CDD 300

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem o objetivo de analisar a personagem Macabéa, de *A Hora da Estrela*, novela de Clarice Lispector, a partir da representação dos estigmas que ela carrega, amparado no marco teórico do sociólogo e antropólogo canadense Erving Goffman (1922 - 1982) em seu livro *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*.

Em sua obra, Goffman aborda questões como a sociologia cotidiana, a construção social do eu, a relação da interação social com a dramaturgia, a identidade e o estigma.

Clarice Lispector foi uma escritora naturalizada brasileira nascida na Ucrânia em 1920. É um dos maiores nomes da literatura nacional, responsável pela lapidação de romances que rompem com as formas tradicionais de narrativa e apresentam uma linguagem altamente poética e introspectiva, também destacando-se nos contos. Faleceu em 1977, em decorrência de um câncer de ovário.

A literatura de Clarice Lispector apresenta suas singularidades e complexidades, constituindo-se num material artístico extremamente rico tanto esteticamente quanto tematicamente. São essas peculiaridades que motivam o presente trabalho, a fim de construir uma reflexão a respeito de como a literatura clariceana, mais especificamente *A Hora da Estrela*, manifesta-se acerca da natureza dos estigmas. Este talvez seja o livro mais popular de Clarice, inclusive ganhador de uma adaptação cinematográfica em 1985 pelas lentes da cineasta Suzana Amaral.³

É importante ressaltar que a história de Macabéa é singular em relação a outras obras da autora, por se tratar de uma novela em que se delineia uma problemática social mais explícita, embora essa seja uma característica que se mostra sempre presente nos interstícios e subtextos de sua literatura, “uma verdadeira abertura ao outro e sua diferença e sobretudo sua vulnerabilidade” (Bingemer, 2021). Alguns pesquisadores, acuradamente, chegam a considerar a escritora, inclusive, como “portadora de um ethos que poderíamos designar como ‘sensibilidade sociológica’” (Britto, 2010). A respeito da preocupação social presente em toda a literatura clariceana, Garramuño (2017, p. 180-181) aponta que

Na redução do imediatamente social a essa tentativa de captar o fluxo da experiência, essa última literatura de Clarice Lispector não só parece responder à

³ Ressalte-se que o filme logrou importante impacto, sendo coroado com prêmios internacionais e nacionais, ganhando destaque na imprensa (especializada e não especializada), tornando-se ao longo dos anos também um sucesso de público.

acusação de literatura individualista e psíquica que se voltara contra sua literatura anterior, mas propor-se até como uma sorte de prótese ocular que permite ler seus textos prévios, fazendo evidente que essa importância da história e do social - porém a partir desta concepção que abandona o acontecimento” - também estava presente em *Perto do coração selvagem*, em *Laços de família* ou em *A paixão segundo G.H.* Se seu virtuosismo e sua experimentação técnica se converteram, pela novidade, naquilo que chamou mais a atenção desde o começo, a verdade é que também desde o começo teria havido uma preocupação social cifrada nessa reconceptualização do conceito de experiência. Porque, ainda que todos os seus romances tratem da consciência de suas personagens, o que importa dessa consciência é sempre o efeito que produz nela o real, e, em geral, o real enquanto correntes e constrangimentos sociais.

Encontramos em vários contos da autora, assim como em alguns de seus romances e na novela *A Hora da Estrela*, a representação de estigmas nas mais diversas figurações, geralmente presentes em personagens femininas. Vale destacar que os estigmas, em suas manifestações no texto literário, são formas de abordar problemáticas e angústias sociais, características que emergem fortemente da história de Macabéa.

São vários os estigmas que caracterizam a protagonista de *A Hora da Estrela*: uma mulher pobre, semianalfabeta, nordestina no Rio de Janeiro, virgem, de pouco traquejo social, etc. É quase uma não-existência, como se ela não tivesse o direito de existir no mundo, assim como, em contrapartida, uma existência gritante (Lispector, 2017, p. 49), ao apelar às nossas sensibilidades a existência de alguém como Macabéa e outras tantas Macabéas no mundo (Jamir e Silva, 2003). Delimitar esses marcadores sociais que chamamos de estigmas e abordá-los numa personagem repleta deles também é uma forma de analisar os preconceitos que fundamentam nossa sociedade.

É de suma importância estudar o estigma - alavancado ao status de uma categoria no texto literário e que caracteriza personagens, sendo o foco deste trabalho a personagem Macabéa -, pelo que ele representa para a literatura e pelas representações sociais que engendra. O estigma é uma categoria fundamental para abordar os marginalizados, despossuídos e excluídos, como as mulheres na situação de Macabéa.

Contudo, para fins de abordagem deste artigo, destacaremos quatro estigmas da protagonista de *A Hora da Estrela*: o relacionado à aparência física desfavorecida; a pobreza/origem social; o semianalfabetismo e a origem geográfica (o Nordeste).

2. GOFFMAN, ESTIGMA E LITERATURA

2.1 A noção goffmaniana de estigma. O estigma e a identidade.

Em seu livro *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*, publicado originalmente em 1963, Erving Goffman discorre a respeito da natureza do que conceitua como estigmas e como eles se manifestam nas interações sociais e construção da identidade dos indivíduos.

O que se nomeia de estigma originalmente era caracterizado pelos gregos antigos como um sinal corporal que estabelecia algum aspecto de extraordinário ou ruim sobre o status moral de quem o possuía. Eram sinais feitos geralmente com cortes ou fogo e sinalizavam que o seu detentor era um escravo, um criminoso ou um traidor. Já na Era Cristã surgiram duas noções do termo, uma delas referindo-se a sinais que indicavam graça divina e a outra a sinais marcadores de anomalias físicas. Nos dias atuais, o termo “estigma” ainda refere-se a estes distúrbios, mas também é usado para nomear a desgraça advinda deles (Goffman, 2008).

Goffman (2008) desenvolveu e aperfeiçoou o conceito, estabelecendo que o estigma é assim categorizado por uma relação entre certos atributos sociais, geralmente delimitados de dois modos: aqueles que esperamos que um indivíduo tenha, definindo nossas expectativas em relação a ele, e aquilo que o indivíduo realmente possui. São essas as duas identidades distintas que temos numa relação social, a primeira sendo a *identidade social virtual* (esperada) e a segunda a *identidade social real*. Quando a relação de atributos evidencia que o indivíduo tem características reais consideradas ruins, perigosas, fracas ou marcadas negativamente - sobretudo quando discrepantes da identidade esperada pelos outros -, de modo que o torne uma pessoa estranha, indesejável, diminuída, temos um estigma. (Goffman, 2008; Siqueira & Cardoso, 2011)

Para Goffman (2008), assim, o estigma é um tipo especial de relação entre o atributo possuído pelo indivíduo e o estereótipo esperado pelos outros que ele possua. Quanto aos processos de estigmatização, a seu ver ocorrem de duas maneiras distintas: quando se assume que o atributo distintivo do sujeito é evidente ou reconhecido por todos, temos um *desacreditado*; e quando o estigma não é nitidamente perceptível e se assume, então, que ele não é imediatamente reconhecido pelos outros em uma interação social, temos um *desacreditável*.

Convém recordar que o tema é também discutido por Pierre Bourdieu. A referência a Bourdieu é importante uma vez que ele acentuou a dimensão da correlação de forças, da distribuição desigual de poder dentro das estruturas e dos campos, como um fator precípua para entender a dinâmica dos estigmas. Ou seja, na balança entre a *autoidentificação* e a *heteroidentificação* - jogo identificador crucial no processo de estigmatização - a realidade

opera da seguinte forma: quanto mais poder e prestígio, maior a possibilidade da identidade auto-atribuída prevalecer; inversamente, quanto menos poder e prestígio, mais as chances de marcas estigmatizantes (Bourdieu, 1989). Não à toa, alguns personagens de Clarice Lispector, como a própria Macabéa em *A Hora da Estrela*, são fortemente marginalizados estruturalmente.

Goffman (2008) afirma que há três categorias de estigmas: as deformidades e/ou anomalias corporais, muitas vezes notadas visualmente; as culpas individuais, geralmente características da personalidade, aspectos psicológicos, como fraqueza de caráter ou desonestidade, ou características como distúrbios mentais, vícios, crenças políticas radicais e as advindas de uma orientação sexual considerada desviante (Goffman fala em seu livro de “homossexualismo (sic)"); e estigmas como os de etnia, religião e lugar de origem, que podem ser transmitidos pela linhagem.

Como se trata de uma relação social, Goffman (2008) divide os indivíduos numa sociedade entre os normais e os estigmatizados, sendo aqueles os que conferem os estigmas a estes, a partir da presença ou ausência de determinadas características.

O sociólogo canadense explora como a sociedade categoriza as pessoas e os atributos que são considerados normais para cada categoria. Quando um indivíduo possui um atributo que o torna diferente e menos desejável na sociedade, ou seja, um estigma, ele é reduzido a uma pessoa estragada e diminuída pelos que se consideram, em oposição, “normais”. Goffman (2008) discute as atitudes dos “normais” em relação às pessoas estigmatizadas, salientando que muitas vezes resultam em discriminação e inferiorização, e aborda as respostas das pessoas estigmatizadas a essas situações, como a tentativa de corrigir o defeito, o uso do estigma para ganhos secundários (como desculpa para o fracasso) ou a reafirmação de suas limitações.

Uma parte importante do livro de Goffman se concentra na abordagem do que se classifica como os contatos mistos, momentos em que estigmatizados e normais interagem entre si, caracterizando esses encontros como frequentemente angustiantes e desconfortáveis para ambos os lados.

Goffman (p. 38) também aborda o papel dos “iguais” (pessoas que compartilham o mesmo estigma) e dos “informados” (normais que se tornaram próximos de indivíduos estigmatizados e simpatizam com sua situação). Esses grupos de informados podem oferecer apoio e um senso de pertencimento, mas também podem reforçar a separação do mundo “normal”.

O autor canadense também descreve as experiências de aprendizagem e as mudanças

na concepção do eu que as pessoas estigmatizadas tendem a ter ao se relacionarem com os “normais”. Isso inclui a internalização do ponto de vista dos normais, a descoberta do próprio estigma e a eventual redefinição da identidade em relação ao grupo de "iguais".

2.2 O estigma e a literatura brasileira

Na literatura nacional, temos um histórico de abordagem de alguns estigmas, sendo um deles o de raça, abrangendo as questões do mito fundador da nossa sociedade a partir das três raças (branco, negro e indígena), da mestiçagem e do mito da democracia racial (França, 2013). Outro estigma é o de lugar de origem, sobretudo quando um personagem literário é oriundo das regiões Norte e Nordeste e se encontra no Sudeste, ou quando há personagens do interior de um estado nas regiões metropolitanas e/ou litorâneas. Também muito presente em nossa literatura é o estigma da pobreza, tão frequente num país fortemente marcado por desigualdades sociais como o Brasil. Todos esses estigmas se apresentam no discurso literário de vários autores, sob diferentes formas e com distintas abordagens, de acordo com a época e o contexto social.

Vamos nos ater aos estigmas raciais, de condição social e econômica (pobreza) e de lugar de origem (Nordeste).

2.2.1 Os estigmas raciais

A literatura brasileira tem representado de maneiras diversas os negros, indígenas e mestiços ao longo do tempo, apresentando momentos de idealização, marginalização e busca por autenticidade.

Falemos primeiro dos escravizados e seus herdeiros. São várias as representações do negro na literatura brasileira. Nos primórdios, os negros eram frequentemente retratados de modo estereotipado, não raro seres sem nenhuma identidade, que aparecem na narrativa sem nome e personalidade; muitas vezes também eram reduzidos a estigmas marcadores de aspectos como sensualidade, pobreza ou violência, algo compartilhado pelas representações dos mestiços, vide obras como *O Cortiço* e *O Mulato* de Aluísio de Azevedo (França, 2013).

A literatura negra (isto é, feita por autores negros), por exemplo, surgiu como um movimento importante para dar voz a experiências e identidades outrora silenciadas e que questionam o mito da democracia racial. Como primeiros representantes da literatura negra, temos Maria Firmina dos Reis, Luiz Gama e Machado de Assis, no século XIX.

Quanto à representação dos povos originários na literatura brasileira, podemos destacar como uma das características principais de nosso Romantismo os indígenas geralmente idealizados, assumindo uma postura de herói medieval tal qual na literatura europeia, já que não tivemos Idade Média. Quando não, eram vistos como seres exóticos.

Já a figura do mestiço é um dos temas mais recorrentes na nossa literatura, na maioria das vezes relacionada com as ideias de miscigenação e formação da identidade nacional. Hoje, sobretudo na literatura, há um movimento de desmistificação do que se conhece como mito da democracia racial, integrado a uma busca pela representação de identidades raciais diversas. O mito da democracia racial teve defensores ferrenhos, como o sociólogo Gilberto Freyre (2003), mas é também a partir do início do século XX que exemplos literários de contraponto a esse conceito surgem, problematizando a formação racial brasileira, o que nos situa diante de dois pólos de interpretação dessa questão nacional, a otimista e a problematizadora.

Frequentemente os negros, indígenas e mestiços, portanto, eram retratados de modo estigmatizado, tanto como símbolos de fraqueza na construção do povo brasileiro quanto abordados sob outros estereótipos (França, 2013; Proença Filho, 2004). Nomes como Euclides da Cunha (2000) viam a miscigenação de forma negativa, como um veículo de “impureza” para nossa cultura e para a raça branca, ao passo que autores como Sílvio Romero (apud Costa, 2013) consideravam a miscigenação positiva mas, contraditoriamente, desde que diluidora do elemento não-branco, conduzindo à população ao “branqueamento”. Macabéa, nossa protagonista, da qual falaremos adiante, pode ser lida como uma mestiça ao assumirmos que os “maus antecedentes” mencionados por Rodrigo S.M. possam ser relativos à racialidade e não só ao lugar de origem (Nordeste), numa leitura crítica do que a sociedade considera ruim em um indivíduo, dialogando diretamente com o que outros discursos literários, de obras anteriores, apontam; no entanto, não existe um consenso na fortuna crítica a respeito de *A Hora da Estrela* relacionado à possível racialidade da personagem principal, algo que o narrador não deixa explícito na trama, portanto não a abordaremos adiante sob esse estigma.

Na literatura modernista e nos movimentos posteriores as figuras do negro, do indígena e do mestiço são abordadas visando uma maior autenticidade e complexidade.

Muitos acreditam que a literatura nacional, historicamente, tem atuado como um meio de perpetuar o preconceito e a desigualdade racial no Brasil, especialmente em relação à população negra (França, 2013; Proença Filho, 2004). Essa população tem sido frequentemente retratada através de estereótipos negativos ou simplesmente excluída dos textos literários. A primeira geração de escritores românticos brasileiros, com nomes como

Gonçalves Dias e José de Alencar, exaltam a figura do indígena como herói étnico, enquanto a presença negra, também parte da população, era eliminada. Em obras clássicas da nossa literatura, personagens negros muitas vezes ocupam lugares secundários e inexpressivos ou são retratados através de estereótipos, vide o negro vítima, infantilizado, animalizado, hipersexualizado ou pervertido.

2.2.2 Os estigmas da pobreza e do lugar de origem

O estigma da pobreza é um tema recorrente na literatura brasileira, expondo as desigualdades sociais e os preconceitos enfrentados por pessoas em situação de vulnerabilidade socioeconômica, sendo, portanto, um rótulo que afeta a dignidade e a identidade das pessoas (Goffman, 2008). Temos como exemplos *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo, a literatura produzida por grupos marginalizados ou pelos próprios pobres, como *Quarto de Despejo* da Carolina Maria de Jesus, dando voz aos despossuídos, e obras de autores como Graciliano Ramos e Jorge Amado.

Na nossa literatura, o estigma da pobreza muitas vezes se associa com outros estigmas, como o de raça e o de lugar de origem, principalmente de regiões como Norte e Nordeste, quando personagens se encontram no Sudeste e Sul. Macabéa, nosso objeto de estudo, é uma estigmatizada tanto pela sua pobreza quanto pelo lugar de origem, aspectos que serão discutidos mais adiante neste artigo.

Lugares de origem como o Nordeste e o Norte, naturalidades frequentemente acompanhadas de estigmas que lhes são atribuídos, são reinventados na literatura contemporânea, com autores nativos responsáveis por contar histórias que fogem dos estereótipos de pobreza, semianalfabetismo ou mesmo miséria geralmente instituídos.

Falemos brevemente de exemplos mais célebres de como esse estigma é abordado pela nossa literatura. Retomando o supracitado, o romance *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, é um exemplo clássico, retratando a vida de vários personagens em um ambiente de pobreza, numa lógica naturalista em que estes são moldados por sua condição social, circunscritos ao conjunto determinista de raça, meio e momento histórico, sendo suas atitudes e destinos frequentemente associados à miséria do local. Já em *O Mulato*, a outra obra canônica de Aluísio de Azevedo, temos em primeiro plano a discussão de como o preconceito racial limita as oportunidades de ascensão social do protagonista, Raimundo, o assim chamado “mulato” do título. Mas, concomitantemente, também é abordada a pobreza, inclusive associada às questões raciais, que caracteriza a cidade de São Luís do Maranhão da época.

Outro marco importante é a literatura produzida por grupos marginalizados ou pelos próprios pobres, como o supracitado *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, de Carolina Maria de Jesus. Nesta obra, a autora, uma catadora de papel na favela do Canindé, em São Paulo, dá voz aos despossuídos, revelando as humilhações, as dificuldades diárias e o olhar da sociedade sobre aqueles que vivem à margem. O diário de Carolina é um testemunho pungente de como a pobreza não é apenas uma condição material, mas um estigma que permeia todas as esferas da existência, limitando oportunidades e corroendo a dignidade.

A literatura de autores como Graciliano Ramos, principalmente em obras como *Vidas Secas*, também se debruça sobre o estigma da pobreza, especialmente no contexto rural e árido do sertão brasileiro. A família de Fabiano, por exemplo, é retratada em sua luta constante pela sobrevivência. Nessa obra, a miséria é um fardo pesado que condiciona os pensamentos, as ações e até mesmo a capacidade de expressão das personagens, refletindo a animalização imposta pela extrema carência.

Jorge Amado, em sua vasta obra, também explora o estigma da pobreza em diversos contextos urbanos e rurais da Bahia, como em *Capitães da Areia*, onde é exposta a vida de meninos de rua num contexto de marginalização e invisibilidade social.

Na literatura brasileira, personagens migrantes do Norte e Nordeste para as regiões Sudeste e Sul, por exemplo, frequentemente enfrentam vários preconceitos, sendo a pobreza um dos pilares de sua estigmatização.

Em suma, a literatura brasileira tem sido um espelho poderoso para refletir o estigma da pobreza, não apenas como uma representação da carência material, mas como um elemento complexo que molda identidades, gera preconceitos e revela as feridas de uma sociedade marcada por profundas desigualdades. Ao abordar essa temática, os autores convidam o leitor a uma reflexão crítica sobre a construção social do "normal" e do "estigmatizado", e sobre o impacto devastador que a pobreza pode ter na vida e na percepção de si e do outro.

3. A HORA DA ESTRELA

A Hora da Estrela é o último livro publicado em vida de Clarice Lispector (*Água Viva* seria lançado postumamente, em 1978), em 1977. Para alguns um romance, para outros uma novela, a obra nos apresenta um escritor narrador-onisciente, Rodrigo S.M., que nos conta a história de Macabéa, uma moça pobre alagoana e órfã de 19 anos que migra para o Rio de Janeiro, “cidade toda feita contra ela” (Lispector, 2017, p. 50), através de uma escritura metalinguística. O narrador pode ser interpretado como uma transfiguração da própria Clarice

em virtude das características em comum, como o fato de ser escritor e nordestino, olhando para sua criação, Macabéa, ora com desconforto, ora com tristeza, ora com alguma ternura (Bingemer, 2021), e ressaltando a necessidade de contar a história da nordestina com sinceridade.

Rodrigo S.M. narra a história de Macabéa frequentemente com alguma comiseração pela protagonista, mas por vezes também assume uma certa frieza que considera necessária ao ato de narrar, afirmando que

(...) também eu não tenho piedade do meu personagem principal, a nordestina: é um relato que desejo frio. Mas tenho o direito de ser dolorosamente frio, e não vós. Por tudo isto é que não vos dou a vez. Não se trata apenas de narrativa, é antes de tudo vida primária que respira, respira, respira. (...) O que escrevo é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. E dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida. (LISPECTOR, 2017, p. 48-49)

Tóibín (2017, p. 167) afirma que

Em outubro de 1977, pouco antes de sua morte, Clarice publicou o romance *A hora da estrela*, no qual todos os seus talentos e todas as suas excentricidades se fundiram e confluíram em uma narrativa densamente consciente, que lida com a dificuldade e com os inusitados prazeres de empreender uma narrativa, para se lançar, em seguida, à história de Macabéa, uma mulher que era, como disse a um entrevistador, “tão pobre que só comia cachorro-quente”. Mas ela deixou claro que “a história não é isso só, não. A história é de uma inocência pisada, de uma miséria anônima”.

E mais adiante,

A história é sobre uma mulher do estado de Alagoas, no Nordeste do Brasil (os Lispectors inicialmente viveram lá, ao chegarem ao país), que depois vai morar no Rio de Janeiro, como Clarice Lispector veio. Em uma cena já perto do fim do livro, a heroína vai a uma cartomante, Madame Carlota, assim como a própria Lispector foi a uma cartomante. Ela disse ao entrevistador da televisão: “Eu fui a uma cartomante que me disse as várias coisas boas que iam me acontecer e imaginei, quando tomei o táxi de volta: seria muito engraçado se um táxi me pegasse, me atropelasse e eu morresse depois de ter ouvido todas essas coisas boas. (TÓIBÍN, 2017, P. 167)

Gotlib (2017, p. 186), destacando os estigmas da protagonista, ressalta que

(...) penso que esta narrativa agônica se torna privilegiada como espaço de questionamento de linguagens, entre sujeitos diante de si mesmos, num confronto em cada um destes integrantes da história, e também entre eles mesmos, em estado de emergente e calamitoso ato de invenção: invenção do livro *A hora da estrela*, por Clarice; do romance sobre a Macabéa, por Rodrigo, o narrador; do amor por um moço estrangeiro, loiro e lindo, pela feia, maltratada, suja, rejeitada e inexpressiva Macabéa.

E a respeito da história de nossa heroína faz os seguintes apontamentos:

(...) a história da pobre Macabéa, a miserável nordestina, que leva uma vida miserável, num quarto de pensão miserável, onde dorme após dias de trabalho miserável como datilógrafa medíocre, num escritório miserável. E neste mundo adverso, em que nada tem, quando alguma coisa quer, frustra-se. Não há lugar para este ser existir como sujeito da sua própria história. Cumpre-se a função de objeto dejetado por uma sociedade que postula a posse como critério de cidadania. (Gotlib, 2017, p. 186)

4. ESTIGMAS DE MACABÉA

Macabéa possui várias características de cunho negativo que são assinaladas já no início da narrativa, algumas delas antes mesmo de o narrador, Rodrigo S.M., começar a contar a história da personagem. Ela é uma mulher virgem, no início do relato sem parceiros afetivo-sexuais, mais tarde tendo um breve e insípido relacionamento com Olímpico, um metalúrgico também nordestino; considerada feia segundo os padrões de beleza vigentes; pobre com um emprego de datilógrafa onde ganhava menos que um salário mínimo e morando em um quarto dividido com outras moças; semianalfabeta, o que a fazia datilografar os textos com vários erros; migrante nordestina, natural de Alagoas, na cidade do Rio de Janeiro.

Estas características podem ser lidas como estigmas segundo as concepções do sociólogo canadense Erving Goffman, tendo em mente que estigmas são assim estabelecidos num conjunto de relações, são aspectos reais lidos em comparação com estereótipos virtuais que se atribuem ao indivíduo ou que se espera que ele tenha.

Goffman (2008) e Jamir e Silva (2011) também ressaltam que o isolamento e o apagamento são traços dos estigmatizados, características que se adequam à personalidade e autoconsciência de Macabéa, que se percebia de modo simplório como uma virgem que gosta de Coca-Cola (Lispector, 2017) e que nunca pensara na ideia de que “eu sou eu” (Lispector, 2017, p. 68), assim como também não sabia bem o que era, não sabia se definir, carecia de uma identidade, portanto.

4.1 A aparência física

Logo no início da narrativa, Rodrigo S.M. afirma que a moça de quem falará “mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém” (Lispector,

2017, p. 49). Desse modo, estabelece-se que se trata de uma mulher sem dotes físicos, indesejada sexualmente, “um cabelo na sopa” como mais tarde lhe diz Olímpico. Espera-se que, como mulher, Macabéa tenha atrativos físicos, mas o que lhe ocorre é justamente o contrário, ela é “inócua”. Define-se ainda, no texto, uma comparação da protagonista com sua colega de trabalho, Glória, sendo esta uma mulher que corresponde aos estereótipos sociais e se torna rival de Macabéa no amor, relacionando-se com Olímpico. A posteriori, o narrador ressalta que a protagonista tem o “corpo cariado” (Lispector, 2017, p. 67).

Durante uma conversa entre a protagonista e sua colega de trabalho, Glória, esta lhe pergunta se “ser feia dói” (Lispector, 2017, p. 90).

O narrador também enfatiza que “a pobreza é feia e promíscua” (Lispector, 2017, p. 56) e que a protagonista “trata-se de moça que nunca se viu nua porque tinha vergonha. Vergonha por pudor ou por ser feia?” (Lispector, 2017, p. 56), estabelecendo a possibilidade de que a moça não se via nua por ser feia, um atributo do qual tinha consciência pelo que as pessoas achavam dela ou que possivelmente surgisse de uma conclusão a respeito de si mesma.

Posteriormente, Rodrigo S.M. afirma que a moça era “incompetente. Incompetente para a vida. Faltava-lhe o jeito de se ajeitar” (Lispector, 2017, p. 58), falando tanto de sua inaptidão ao trabalho e ao intelectual, quanto da falta de habilidade para se embelezar, tornar-se atraente. A respeito desta, em dado momento, ao receber do patrão o aviso de que pode ser demitida por errar demais na datilografia, Macabéa se olha no espelho e enxerga “a cara toda deformada pelo espelho ordinário, o nariz tornado enorme como o de um palhaço de nariz de papelão” (Lispector, 2017, p. 59). Pensa a respeito de si mesma “tão jovem e já com ferrugem” (Lispector, 2017, p. 59). No espelho ela também examina as manchas no rosto, que em Alagoas chamavam de “panos” (Lispector, 2017, p. 60).

Relativo a olhar-se no espelho e se identificar como alguém estigmatizado, há vários momentos na literatura gofmaniana em que isso acontece, espalhados em vários relatos colhidos pelo sociólogo. Goffman (2008, p. 17) afirma que geralmente “o auto-ódio e a autodepreciação” podem ocorrer quando o estigmatizado se olha de frente para o espelho, algo similar ao que é sentido por Macabéa, embora ela tenha uma consciência “rala” de si.

Goffman (2008) destaca que estigmatizados podem buscar corrigir suas imperfeições a fim de serem aceitos, algo que Macabéa faz em poucos momentos da narrativa, como ao botar um batom para suavizar a feiúra de seu rosto, visto que possui uma consciência simplória de si e ingênua do mundo, quase não sendo acometida por angústias, exceto no desfecho da obra,

em que ela enfim toma consciência do quanto sua vida é miserável, uma reação reflexiva prevista pelo sociólogo de ocorrer a um indivíduo estigmatizado.

4.2 Mulher semianalfabeta, pobre e nordestina

Rodrigo S.M. também descreve Macabéa como

(...) sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano primário. Por ser ignorante era obrigada na datilografia a copiar lentamente letra por letra - a tia é que lhe dera um curso ralo de como bater à máquina. E a moça ganhara uma dignidade: era enfim datilógrafa. (LISPECTOR, P. 50)

Aqui temos um exemplo de como se esperava que a protagonista fosse bem alfabetizada e datilografasse bem, sendo que o ocorrido era justamente o oposto, pois ela só tinha até o terceiro ano primário e fazia seu trabalho mal.

Em momentos supracitados, nossa protagonista é ameaçada de demissão por fazer mal o seu trabalho, em virtude de sua baixa escolaridade, e o narrador destaca a pobreza como “feia e promíscua”, a origem social um dos “maus antecedentes” de Macabéa, do mesmo modo que sua condição de nordestina.

Quanto à condição de nordestina, Rodrigo S.M. enfatiza que ela “nascera raquítica, herança do sertão” (Lispector, 2017, p. 61), elencando aspectos com uma aceção negativa a respeito de seu lugar de origem. No momento do enredo em que é narrado o encontro dela com Olímpico, ambos são denominados de “bichos da mesma espécie que se farejam” (Lispector, 2017, p. 73) em relação à condição compartilhada de nordestinos.

Rodrigo S.M. (Lispector, 2017, p. 77), mais adiante, narra que

As poucas conversas entre os namorados versavam sobre farinha, carne de sol, carne-seca, rapadura, melado. Pois esse era o passado de ambos e eles esqueciam o amargor da infância porque esta, já que passou, é sempre acre-doce e dá até nostalgia. Pareciam por demais irmãos, coisa que - só agora estou percebendo - não dá para casar.

assinalando, portanto, o signo comum a ambos de nordestinos, estrangeiros numa terra como a cidade do Rio de Janeiro.

Cixous (2017, p. 134) discorre a respeito da novela:

(A hora da estrela é, pois, a história de uma pequena pessoa que deve pesar trinta quilos, uma habitante do apenas, uma nativa do quase. O que Clarice fez ali foi ir ao encontro do sujeito que, para ela, era o mais outro possível.) Imaginemos quanto a

cada uma, cada um que é o mais outro possível, ainda que no interior da esfera do reconhecível (...), ou seja, a criatura terestramente que seria a mais estrangeira possível e que ao mesmo tempo nos “tocaria”. Cada um tem seu estranho pessoal. Para Clarice era isso, um muito pequeno pedaço de vida, vindo do Nordeste. O Nordeste tornou-se tristemente célebre: nele se é feliz quando se come rato, é uma terra onde em nossos dias se morre de fome no Ocidente. Essa pessoa vem do lugar mais deserdado do mundo, e para Clarice tratava-se de trabalhar sobre o que era ser deserdado, ser sem herança, até ser sem nada, sem memória - mas não amnésico -, ser tão pobre que a pobreza está por todo o ser: o sangue é pobre, a língua é pobre, e a memória é pobre; mas nascer e ser pobre é como se se pertencesse a outro planeta, e desse planeta não se pode tomar um meio de transporte para vir ao planeta da cultura, da alimentação, da satisfação etc.

Há momentos em que a personagem toma uma consciência, embora rala, de que não possui os atributos desejáveis para gozar de oportunidades no meio social, o que dialoga com o pensamento goffmaniano de que os atributos esperados pelos outros indivíduos de um estigmatizado podem tanto ser não aparentes ou não imediatamente perceptíveis, o que o torna um estigmatizado desacreditado, quanto visíveis, logo perceptíveis, o que o torna um desacreditável. Macabéa possui características que a colocam na posição de desacreditada, pois “feia”, pobre, semianalfabeta e nordestina na cidade do Rio de Janeiro, atributos que podem ser reconhecidos por outros personagens da narrativa ao olharem para ela e/ou terem com ela uma simples conversa, embora características como pobre, semianalfabeta e nordestina (e não feia, pois esta de reconhecimento visual) possam ser consideradas estigmas que a colocam numa posição de desacreditável quando não imediatamente perceptíveis. Em contraponto, pode-se admitir que numa cidade como o Rio de Janeiro alguém com as roupas e o jeito de se portar de Macabéa é logo percebida como uma migrante nordestina pobre e semianalfabeta pelos outros. Como Clarice (2017) ressalta, “uma cidade toda feita contra ela”.

O momento de autoconsciência maior e final ocorre quando a cartomante acerta tudo a respeito de sua vida: “Macabéa estava espantada. Só então vira que sua vida era uma miséria. Teve vontade de chorar ao ver o seu lado oposto, ela que, como eu disse, até então se julgava feliz” (Lispector, 2017, p. 104).

A pobreza é, aliás, encarada por Rodrigo S.M. como uma escolha estética para falar a respeito de Macabéa com verdade, sendo uma pobreza também da linguagem, mesmo que sem renunciar ao lapidar clariceano até certo ponto: “(...) não vou enfeitar a palavra pois se eu tocar no pão da moça esse pão se tornará em ouro - e a jovem (ela tem dezenove anos) e a jovem não poderia mordê-lo, morrendo de fome” (Lispector apud Gotlib, 2017, p. 187). Gotlib (2017, p. 187) também ressalta que “a palavra, despindo-se de enfeites vãos, quer captar a pobreza, a realidade de Macabéa, que nem pobreza enfeitada tem. Mas como lidar

com a representação, se ela, como tal, já é objeto outro? Como tratar da fome? Como tocar no pão da moça?”

Mais adiante, Gotlib (2017, p. 188) afirma que o romance *A Hora da Estrela*

poderia ser considerado uma versão dos anos 1970 do “romance nordestino” de longa tradição na literatura desde sobretudo os anos 1930, não se detém apenas na indignação e lucidez crítica, um tanto perplexa e comovida, é bem verdade, perante a situação de injustiça a que a nordestina é relegada como objeto de cultura. Vai mais além, porque se volta para uma perquirição também contra si mesma, questionando a função e o papel do intelectual que se dispõe a representar este estrato cultural; para isso, tem de enfrentar a disparidade de condições de classe (e aí repousaria a conseqüente coragem? ou ousadia? ou talvez orgulho?) ao se defrontar com uma difícil verdade: a de que usa o pobre como objeto de estudo.

Desse modo, critica-se a forma como os romances de até então abordavam a condição do pobre nordestino, numa tessitura de natureza até sociológica, e como se constrói uma narrativa autoconsciente do seu papel e irônica na voz de Rodrigo S.M.

Na literatura sociológica de Goffman (2008) não encontramos dados explícitos a respeito da condição de mulher por si só como um estigma, mas podemos considerar Macabéa uma personagem que sofre apagamento e isolamento (Jamir & Silva, 2011) em virtude do seu gênero. No momento de autoconsciência derradeiro, “seu esforço de viver parecia uma coisa que, se nunca experimentara, virgem que era, ao menos intuía, pois só agora entendia que mulher nasce mulher desde o primeiro vagido. O destino de uma mulher é ser mulher” (Lispector, 2017, p. 108).

Masi & Amato (2009, p. 22) afirmam que

A Hora da Estrela, de Clarice Lispector, introduz o leitor, por intermédio da narrativa das “fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela”, a uma realidade chocante, na qual a ingenuidade de sua protagonista, a nordestina Macabéa, se depara com um mundo voraz. Macabéa é, ainda que sua consciência não o consiga perceber, antes de tudo, uma mulher. Mulher que, analisada por seu gênero, ao longo da História sempre ocupou o segundo lugar das relações sociais.

Mais adiante (p. 22), ressaltam que

(...) o foco não era apenas mostrar as dificuldades enfrentadas por nordestinos que migravam para o sul em busca de melhores condições de subsistência. Parece evidente a intenção da autora em apresentar também outra perspectiva: as relações e interações entre gêneros.

Cixous (2017, p. 134) afirma que “a ‘pessoa’ que Clarice escolheu, essa quase mulher, é uma mulher quase não mulher, mas é de tal modo quase-não-mulher que talvez seja mais

mulher que toda mulher. É de tal modo mínima, de tal modo ínfima, que está ao rés do ser (...).”.

E mais adiante Cixous (2017, p. 134-135) diz

(...) ela [Macabéa] mostra os elementos mais finos do que se pode chamar “ser-mulher”, porque, como as pessoas extremamente pobres, ela é atenta e nos faz atentos às insignificâncias que são nossas riquezas essenciais e que nós, com nossas riquezas ordinárias, esquecemos e rejeitamos. Quando ela descobre um desejo ou um apetite, ou quando saboreia pela primeira vez na vida um alimento que para nós se tornou o menos apetitoso, o mais ordinário dos pratos, é para ela descoberta e maravilha extraordinárias.

Santos & Casimiro (2015) também afirmam que *A Hora da Estrela* é uma obra a respeito da estigmatização da mulher e da identidade do indivíduo antes de tudo pertencente a essa categoria subalternizada. Como dito acima, é no seu momento derradeiro de existência que Macabéa percebe a miséria de sua vida, tendo alguma consciência dos estigmas que carrega, de acordo com a visão de interação social entre “normais” e estigmatizados segundo Goffman (2008).

Desse modo, observamos que, mesmo não sendo abordado diretamente por Goffman (2008), a não ser por características relacionadas ou incidentais, como ser uma mulher numa ocupação predominantemente masculina ou ser uma prostituta, evidenciar o estigma de ser mulher é uma das possibilidades de leitura da obra de Clarice e pode ser amparada por autores que ampliaram o conceito de estigma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou analisar a personagem Macabéa, de *A Hora da Estrela*, à luz da teoria do estigma de Erving Goffman, expondo como as diversas marcas sociais a configuram como uma figura literária estigmatizada em um contexto de evidente desigualdade.

Buscou-se apresentar, de início, um breve panorama da concepção de estigma segundo o sociólogo canadense e de como aquele está presente na literatura nacional, antes de analisar a personagem objeto de estudo.

A análise demonstrou que estigmas como a aparência física desfavorecida, a pobreza, o semianalfabetismo e a origem nordestina não apenas delineiam a identidade de Macabéa, mas também se imbricam na construção de sua não-existência e existência gritante no mundo, tendo o “direito ao grito” (Lispector, 2017, p. 49).

Observou-se que a literatura clariceana, por meio de *Macabéa*, oferece um rico material para compreender como os estigmas operam nas relações sociais e as angústias daí decorrentes. Além disso, a discussão ampliou-se para uma breve exposição da condição feminina como um estigma em si, embora não tenha sido algo abordado diretamente por Goffman, ressaltando a relevância do gênero na marginalização da personagem.

Em suma, o estudo dos estigmas de *Macabéa* não só aprofunda a compreensão de uma das obras mais icônicas de Clarice Lispector, mas também sublinha a urgência de refletir sobre os preconceitos que estruturam a sociedade brasileira, oferecendo insights para futuras investigações sobre a representação da vulnerabilidade social na literatura.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1937.

ASSENSIO, Cibele Barbalho; SOARES, Roberta. “Estigma - Erving Goffman”. In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2022. Disponível em: <https://ea.ffe.usp.br/conceito/estigma-erving-goffman>. Acesso em: 14 jul. 2025.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997.

AZEVEDO, Aluísio. **O Mulato**. São Paulo: Ática, 2003.

BINGEMER, Maria Clara. Entre mistério e política. IMS Clarice Lispector, 2021. Disponível em: <https://site.claricelispector.ims.com.br/2021/07/08/entre-misterio-e-politica/>. Acesso em: 28 julho 2025.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BRITTO, Clovis Carvalho. Clarice Lispector e Erving Goffman: Narrativas Microsociológicas. **Baleia na Rede**, v. 1, n. 7, Ano VII, dez. 2010. Disponível em https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/BaleianaRede/edicao7/Clarice_e_Erving.pdf. Acesso em: 14 jul. 2025.

CIXOUS, Hélène. Extrema fidelidade. In: LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**: edição com manuscritos e ensaios inéditos. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

COSTA, Jean Carlo de Carvalho. Sílvio Romero e a “idéia das três raças”: uma hermenêutica do nacional a partir da categoria miscigenação. **Revista Cronos**, [S. l.], v. 7, n. 1, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/3193>. Acesso em: 2 ago. 2025.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo, 2. ed., Ática, 2000.

FRANÇA, Débora de Souza (2015). Mestiçagem à brasileira: O estigma do mestiço na literatura nacional. **Periferia**, 5(1), p. 19-34,. 2013. <https://doi.org/10.12957/periferia.2013.15321>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/article/view/15321>. Acesso em: 18 jul. 2025

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48. ed. São Paulo: Global, 2003.

GARRAMUÑO, Florencia. Uma leitura histórica de Clarice Lispector. In: LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**: edição com manuscritos e ensaios inéditos. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOTLIB, Nádya Batella. Quando o objeto, cultural, é a mulher. In: LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**: edição com manuscritos e ensaios inéditos. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

JAMIR E SILVA, L. M. Biela e Macabéa: representações de um mesmo arquétipo. **Revista FAFIRE**, Recife, v. 4, n. 2, p. 22–35, 2011. Disponível em: <https://fafire.emnuvens.com.br/revista/article/view/128>. Acesso em: 14 jul. 2025.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**: edição com manuscritos e ensaios inéditos. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

MASI, Carlo Velho; AMATO, Gabriela Cruz. A estigmatização do gênero feminino em A hora da estrela: uma reflexão criminológica acerca da violência contra a mulher. **Direito & Justiça**, v. 35, n. 1, p. 22-27, jan./jun. 2009. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fadir/article/view/8208>. Acesso em: 14 jul. 2025.

PROENÇA FILHO, Domicio (2004). A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos Avançados**, 18(50), 161-193. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/eav/article/view/9980>>. Acesso em: 30 de julho 2025.

JAMEL LAUAR DOS SANTOS, I.; NUNES CASIMIRO, L. F. A estigmatização da mulher retratada na literatura de Clarice Lispector: Uma análise de direitos civis. *Revista de Estudos Jurídicos do UNI-RN, [S. l.]*, n. 1, p. 23, 2015. Disponível em: <https://revistas.unirn.edu.br/index.php/revistajuridica/article/view/552>. Acesso em: 14 jul. 2025.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SIQUEIRA, Ranyella de; CARDOSO, Hélio. O conceito de estigma como processo social: uma aproximação teórica a partir da literatura norte-americana. **Imagonautas**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 92-113, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/e35a284c-c6c6-430a-9783-9f8cc7d191ef>. Acesso em: 18 jul. 2025.

TÓIBÍN, Colm. Uma paixão pelo vazio. In: LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**: edição com manuscritos e ensaios inéditos. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.